



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

CAMILA DE JESUS SANTANA

**O MÉTODO PAULO FREIRE:
ALUNOS, EDUCADORES E MILITARES NO BRASIL**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

CAMILA DE JESUS SANTANA

**O MÉTODO PAULO FREIRE:
ALUNOS, EDUCADORES E MILITARES NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Projeto de Pesquisa, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Garcia Basso.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

CAMILA DE JESUS SANTANA

**O MÉTODO PAULO FREIRE:
ALUNOS, EDUCADORES E MILITARES NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Projeto de Pesquisa, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Humanidades.

Aprovado em: 19 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Garcia Basso (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dr.^a Lucilene Rezende Alcanfor

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	O TEMA DE PESQUISA	5
3	PROBLEMA DA PESQUISA	7
4	OBJETIVOS DA PESQUISA	7
5	JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	8
6	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
7	METODOLOGIA DA PESQUISA	12
8	CRONOGRAMA	16
	REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com a obra e o pensamento de Paulo Freire, aconteceu em razão da minha participação como monitora no projeto de alfabetização MOVA BRASIL (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos Brasil), em São Francisco do Conde BA, em 2013. Uma iniciativa voltada para promoção da alfabetização e cidadania de jovens e adultos em todo o Brasil, iniciada em 2003, inspirada no trabalho de alfabetização e valorização do sujeito, de nome MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), criado por Paulo Freire em 1989, quando secretário de educação do município de São Paulo.

No MOVA-BRASIL ouvi falar sobre as ideias gerais do método de Paulo Freire, como ensinar a partir da realidade do aluno, tratamento horizontal na valorização do saber e da cultura do outro, percebi que no projeto esses parâmetros eram aplicados de maneira séria e coordenada. Como minha vivência nesta ação, se deu por um período curto de apenas seis meses, não posso falar amplamente sobre o resultado do projeto, entretanto no que diz respeito à efetivação da alfabetização dos educandos, posso afirmar que a abordagem do ensino era voltada para a valorização da dignidade humana.

Após essa experiência, fiquei um longo período sem contato com a proposta freireana, quando em 2019, fui confrontada com novas afirmações acerca do pensamento Paulo Freire que divergiam da minha primeira experiência com as ideias do pensador, essas afirmações que foram transmitidas por meio de uma roda de conversa virtual, estavam empenhadas em atacar o educador Paulo Freire e desmoralizar a sua teoria e prática educacional como sendo oportunista e fraudulenta. Não me recordo exatamente qual o programa em que ouvi esses comentários, porém, é fato que no ano de 2019, com a ascensão à presidência da República de Jair Messias Bolsonaro, surgiu o fortalecimento da ideia de retirar de Paulo Freire, o status de patrono da educação brasileira, o que reacendeu o debate em torno do método de alfabetização e do pensamento do educador em diversos setores da sociedade.

2 O TEMA DE PESQUISA

A proposta deste projeto de pesquisa visa compreender por meio de um estudo comparativo, os contrastes existentes entre o juízo do Estado ditador de 1964 versus o entendimento dos educandos e educadores de Paulo Freire (PF) acerca das ideias da educação pedagógica e metodológica freiriana do mesmo período. Com o objetivo de entender os atuais conflitos de informações sobre as causas e consequências das contribuições de Paulo Freire à

educação brasileira .Para isso o estudo analisará as acusações que constam do Inquérito Policial Militar (IPM), relativas ao *método de alfabetização de adultos* que a ditadura militar instaurada em abril de 1964, moveu contra o educador, acusando-o de criar um método “subversivo de politização, disfarçado de alfabetização” que, segundo seus inquisidores, visava a adesão dos brasileiros ao “comunismo”.

Cruzadas com um conjunto de relatos de memória de alunos, educadores e personagens que conviveram com o educador brasileiro, desde o início da década de 1960. Angicos tornou-se uma palavra emblemática para todos aqueles que se interessam pelo tema da educação popular e da pedagogia proposta por Paulo Freire. A cidadezinha localizada no sertão do Rio Grande do Norte foi o palco em que, pela primeira vez, Freire e sua equipe, em princípios de 1963, pôs em prática o seu famoso *método de alfabetização de adultos*. A partir dessa experiência, seu trabalho, que até então era desenvolvido de forma incipiente em Recife-PE, ganhou grande visibilidade nacional e internacional.

Essa visibilidade que até então repercutia com entusiasmo e boa vontade dos atores políticos dos setores sociais brasileiros e estrangeiros teve sua imagem arranhada logo após o golpe civil militar de 1964 quando a proposta freireana passou a ser enxergada por uma parcela da sociedade como sendo uma ameaça. Essa proposta visava criar condições para que o indivíduo pudesse ter uma maior autonomia na construção da sua própria cidadania e assim pudesse de forma organizada participar ativamente nas mudanças que aconteciam na sociedade. Com essa finalidade Freire desenvolveu um método pedagógico que para Brandão (2008), está baseado na dialogicidade da construção do saber do sujeito, onde não se ignora o conhecimento de mundo do educando, mas a partir dele se efetua uma alfabetização e uma educação mais humana. Com isso, a proposta da Educação no método Paulo Freire se propõe a ir na contramão de uma educação convencional.

“A questão é que Paulo Freire não propôs um método entre outros. Um método psicopedagogicamente diferente e, quem sabe, melhor. Antes de fazer isso, ele investiu aos brados com uma educação, contra outras.” (Brandão, 2008, p. 7)

Este método também desperta a consciência crítica e política dos envolvidos na busca da garantia da Liberdade do indivíduo, que resulta em transformação social e melhores condições de vida. Vemos a partir do livro “Inquérito Paulo Freire :a Ditadura Interroga o Educador”, escrito por Vasconcelos (2024), que a ideia de conscientização da população para a transformação social abraçada por Freire era insistentemente associada, por parte dos militares, à doutrinação política de cunho comunista , com isso Freire se viu obrigado a participar de dois interrogatórios sendo o primeiro no dia 1º de julho de 1964, quinze dias após

sua prisão, tendo como interrogador o tenente-coronel Hélio Ibiapina Lima que era o responsável da 2ª seção do comando militar do nordeste . Em que foi acusado de utilizar os recursos doados pelos EUA por meio da aliança para o progresso no intuito de incutir na mente da população trabalhadora a filosofia comunista com o propósito de desestabilizar a ordem social e política da época.

No segundo interrogatório, que aconteceu em 16 de setembro de 1964, a acusação permaneceu a mesma, porém a abordagem foi mais incisiva na tentativa que Freire confessa-se aquilo que ele veementemente negava.

3 PROBLEMA DA PESQUISA

A investigação comparativa busca entender o debate atual sobre a pedagogia proposta por Paulo Freire e seu método de alfabetização de adultos. Procura situar e discutir aspectos do debate atual da polêmica em torno do seu pensamento educacional. Nesse sentido, a pesquisa buscará investigar os argumentos e afetos daqueles que atacam ou defendem sua perspectiva pedagógica. Quais são as diferenças entre o entendimento do governo militar em 1964, acerca de Paulo Freire em comparação à percepção dos estudantes e profissionais que estiveram na experiência de Angicos-RN em 1963? De que maneira as afirmações feitas contra Paulo Freire pela ditadura militar, propicia atualmente o discurso negativo envolvendo o seu nome? Que interesses e motivações, animaram e continuam animando os detratores de Paulo Freire e sua práxis educativa? O que queriam aqueles que tentaram silenciá-lo? O que os ataques contemporâneos ao educador e suas ideias podem nos revelar? O que nos indicam os testemunhos de seus ex-alunos e educadores que com ele trabalharam? Qual a relevância hoje, dessa experiência de Angicos-RN e seu método de alfabetização de adultos?

4 OBJETIVOS DA PESQUISA

Um objetivo central desta pesquisa se refere à reflexão sobre o debate em torno do método de alfabetização de adultos e as propostas pedagógicas de Paulo Freire. Examinar como diferentes sujeitos no passado significaram e no presente significam o seu método e a sua pedagogia. Num âmbito mais específico a investigação visa:

- Trabalhar com a memória dos seus ex-alunos, personalidades e educadores que com ele conviveram;
- Discutir os sentidos formativos do método Paulo Freire de alfabetização de adultos.
- Estudar aspectos do contexto das experiências de Angicos-RN, com vistas a buscar significados e sentidos hoje, da sua proposta pedagógica.
- Comparar as descrições feitas sobre Paulo Freire pelo regime militar em 1964, em relação aos depoimentos dos estudantes envolvidos nas ações educativas promovidas por ele.
- Analisar os impactos negativos do discurso do Estado de 1964, acerca do pensamento de Paulo Freire na atualidade.

5 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

No plano pessoal, a pesquisa proposta é relevante para que eu possa entender e me situar no debate em torno do método de alfabetização de Paulo Freire e sua pedagogia. Meu ingresso na UNILAB e minha experiência em algumas disciplinas da licenciatura em Pedagogia, me trouxeram inúmeros questionamentos sobre o que via, ouvia e lia sobre o educador brasileiro. Esse embate sempre me foi muito provocativo.

A recente demonização do pensamento de Paulo Freire teve o seu auge no ano de 2019, com acusações feitas a ele por atores políticos que faziam parte do governo liderado pelo então presidente eleito Jair Messias Bolsonaro, que chamou Paulo Freire de “energumeno,” (G1 – TV Globo/2019), e a crescente popularização dos políticos de direita ligados ao seu partido, neste período, não faltaram acusações que colocaram o educador brasileiro como alguém que deveria ser esquecido, bem como ocorreram também tentativas de apagar da memória social as contribuições freirianas. Desse modo, multiplicaram-se discursos como o do ministro da educação daquele governo, que logo na sua cerimônia de posse fez questão de falar dos desafios e dificuldades que ele encontrou no ministério, associando o fracasso educacional brasileiro a filosofia freiriana: “se o Brasil tem uma filosofia de educação tão boa [...], porque a gente tem resultados tão ruins comparativamente a outros países, [...] os indicadores do PISA colocam o Brasil muito abaixo da média” (Weintraub, 2019). Todavia, todas essas falas não tem nenhuma comprovação lógica segundo Ramon Lamoso de Gusmão:

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996), o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas está entre os princípios que devem guiá-la. [...]. No Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014) tampouco são feitas menções a ele. Verificamos

ainda a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), e o que se encontra como premissa é o conceito de “competência”, que se identifica com o que Paulo Freire define por “educação bancária”(Gusmão, 2019, p. 249).

Nesse contexto, revela-se a importância em ter como alvo de estudo as divergências entre o pensamento do governo militar de 1964, a respeito de Paulo Freire comparadas aos testemunhos dos alunos e colaboradores envolvidos com ele em 1963, na campanha de alfabetização de adultos em Angicos-RN, com o intuito de entender os motivos das discrepâncias de informações envolvendo seu nome na atualidade.

Peter Burke (2000), nos ajuda com o seu conceito de amnésia social a entender do ponto de vista histórico-social a lógica que está por trás de uma tentativa organizada de apagamento de memória, a este respeito ele afirma:

Para entender os mecanismos da memória social, talvez valha a pena examinar a organização social do esquecer, as regras de exclusão, supressão ou repressão e a questão de quem quer que quem esqueça o quê e por quê. Em suma, a amnésia social. [...]a obliteração oficial de memórias em conflito no interesse da coesão social (Burke, 2000, p.86).

Com isso, entendemos que a ação de esquecimento ou apagamento de símbolos históricos da memória social não ocorre de forma casual. Há um jogo de forças envolvendo partes que disputam a imposição de uma narrativa que lhes seja mais confortável. Dessa forma, a investida no uso da amnésia social está diretamente ligada ao poder político, onde quem conseguir controlar a narrativa determinará o que deverá ser lembrado ou esquecido pela sociedade, forçando uma tentativa de coesão social na qual um grupo prevalece sobre o outro. Deste modo, as ações voltadas a provocar o esquecimento das contribuições freireanas na memória social, tanto na atualidade quanto durante o regime militar de 1964, atuam como dispositivos fundamentais na tentativa de reescrever a história.

Outro elemento legitimador deste estudo, se refere ao meu interesse pelas narrativas de vida, que desde o século XIX, eram um tipo de produção historiográfica amplamente utilizada, mas sempre seguindo um modelo que exaltava figuras masculinas poderosas, tais como reis e políticos, enquanto ignorava completamente as demais camadas da sociedade. Mulheres e pessoas comuns, que tinham parte na construção histórica não eram consideradas produtoras de cultura neste espaço. Conforme explica Ferreira e Carloni (2019, p.8), o foco da História oficial estava sempre voltado para contar as ações “circunscrita ao âmbito do Estado e dedicada ao elogio dos “grandes homens”. Sem contar que os atores principais a quem esse modo de escrever a História destacava e remetia eram sempre homens, ricos e brancos.

A novidade veio nos anos 1980, mais precisamente em sua segunda metade, quando historiadores europeus reconhecidos internacionalmente publicaram biografias, a exemplo de George Duby (1987), Carlo Ginzburg (1987), Jacques Le Goff (1999) e Christopher Hill (1988). Uma mudança, sem dúvida, na prática historiográfica. É verdade que a biografia de Oliver Cromwell, escrita por Christopher Hill é de 1970. Mas foi em meados dos anos 1980 que as biografias entraram na oficina do historiador, compreendidas naquele momento como gênero legítimo e, mesmo, necessárias para conhecer a história das sociedades do passado e do tempo presente. Muito contribuiu para a retomada do gênero biográfico o interesse renovado pela História Política, pela História Cultural e pelos avanços da metodologia em História Oral (Ferreira; Carloni, 2019, p. 8).

Eles retomaram as histórias de vidas, mas não à moda tradicional – factual e dedicada aos grandes homens. Retornaram de outra maneira, considerando as críticas realizadas anteriormente ao gênero tradicional. Por exemplo, ao escreverem biografias mantiveram o horizonte da “história como problema”, permitindo assim superar a biografia tradicional, cronológica, meramente narrativa. Também superaram a maneira elitista de estudar o passado porque não se tratava de escrever tão-somente sobre os “grandes homens”, mas também a história de vida de operários, escravos, ex-escravos, entre outros, revelando conflitos e transgressões a sistemas normativos impostos a eles.

Outra preocupação relevante dos estudos de trajetórias e narrativas de vidas servem para introduzir o elemento conflitual na explicação histórica, para ilustrar, matizar, complexificar, relativizar ou mesmo negar as análises generalizantes que excluem as diferenças em nome da regularidade e das continuidades. Essa nova tradição historiográfica concorda que o estudo do percurso de um indivíduo pode abrir perspectivas para compreender a dinâmica da sociedade em que ele viveu. Esse caminho de pesquisa, exige do pesquisador trabalhar na articulação entre dois marcos temporais: o da trajetória de um indivíduo e o do tempo social e histórico em que ele está inserido e vivenciando suas experiências.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa se insere na tradição dos estudos historiográficos da educação, para tanto, categorias como memória e experiência tornam-se fundamentais para este tipo de investigação, bem como as noções de conflito, resistência, cultura, economia moral, costume e formação que ocupam um lugar central na obra de Edward Palmer Thompson (1981), que compreende um conjunto fecundo de conceitos e noções capazes de conferir à escola e a seus agentes um papel destacado na organização da cultura. Esta para Thompson, está definida como um conceito descritivo, seja como atitudes, valores, artefatos e significados, a cultura é entendida como um

lugar de transmissão de habilidades e produção de sensibilidades, sempre cortada pela noção de reciprocidade. Para o autor, mesmo os indivíduos singulares estão marcados por horizontes históricos inescapáveis, para ele “somos agentes voluntários de nossas próprias determinações involuntárias” (Thompson, 1981, p. 101).

Em contrapartida, o historiador inglês combate a renitente tese da determinação absoluta, que reduz a ação do indivíduo na sociedade a mera reprodução daquilo que lhe é imposto pelas estruturas de poder sem criar um espaço para fazer a reflexão crítica, portanto Thompson confere aos diferentes grupos e indivíduos alguma possibilidade de manobra diante da jaula flexível que nos oferece a cultura, por meio da experiência que segundo ele “surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo” (Thompson, 1981, p. 16).

Portanto, buscar “pensar educação a partir da experiência” é uma perspectiva de análise que transforma a prática educativa em “algo mais parecido com uma arte do que com uma técnica ou uma prática” (Larrosa, 2019, p. 12). Para tanto, tomamos a noção de experiência como algo “que nos passa, o que acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (Larrosa, 2019, p. 18).

Costuma-se pensar a educação do ponto de vista da relação entre ciência e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática. Se o par ciência/técnica remete a uma perspectiva positivista e retificadora, o par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica. De fato, somente nesta última perspectiva tem sentido a palavra “reflexão” e expressões “reflexão crítica”, “reflexão sobre a prática ou não prática”, reflexão emancipadora” (Larrosa, 2019, p. 15-16).

Nessa direção, a categoria de experiência torna-se fundamental para neste estudo, estabelecermos objetividade aos indivíduos como sujeitos históricos, seres humanos reais, que vivem todos os processos naturais e ou construídos da vida humana, sentem dor e prazer, raiva e alegria, e se apropriam das mais diversas tentativas e formas de conformação ou resistem a elas. Tais fenômenos tornam a experiência “uma categoria que por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento (Thompson, 1981, p. 15).

A concepção de memória é outra noção essencial para este estudo, pois se existem lembranças e reminiscências a serem acessadas, logo existe também uma história por parte dos indivíduos que relembram, associado a uma determinada cultura num determinado espaço de

tempo. Nas culturas das sociedades orais ou predominantemente orais, “a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a palavra é mais forte” (Hampaté Bâ, 2010, p. 168).

Segundo Souza (2007), a memória e a história de vida não estão apenas relacionadas a subjetividade do indivíduo selecionado para a pesquisa, para além dele existem fatores históricos e culturais que envolve essa trajetória, relatada através do ponto de vista de quem a vivenciou, a memória está associada ao esquecimento no sentido de que, se esquecemos algo a qualquer momento pode vir a memória a partir de alguma referência ou um objeto, logo por meio do diálogo com uma pessoa que viveu uma certa trajetória de vida, podemos fazer com que esse indivíduo possa recordar momentos históricos de sua vida, que até então estavam esquecidos, promovendo assim uma reflexão e autorreflexão sobre sua história de vida.

De modo geral, pensamos na memória como uma faculdade individual. Contudo, selecionamos um certo número de estudos que embasarão o trabalho com os relatos de memória que serão recolhidos por esta pesquisa, que apontam a existência de uma memória coletiva ou social”¹. Nesse sentido, “o esquecimento, em suma, é a força viva da memória e a recordação o seu produto” mas o fato do indivíduo recordar acontecimentos de sua vida, não é a garantia que o entrevistador saberá de tudo, o sujeito pode filtrar algumas informações e decidir falar ou não, “ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o ‘dizível’ da sua história, da sua subjetividade e dos percursos da sua vida”, sendo assim, o entrevistado é o protagonista principal de sua história Souza (2007, p. 67).

Este estudo se servirá de outras referências historiográficas da história social e cultural, como Peter Burke (2004, 2010), Edward Palmer Thompson (1998) e Reinhart Koselleck (2006), que nos fornecem conceitos e métodos de abordagem documental fundamentais para os propósitos desta pesquisa, tais como oralidade e cultura popular tradicional, experiência e expectativa, além de formas de tratamento do acervo documental imagético que este estudo buscará trabalhar.

7 METODOLOGIA DA PESQUISA

A abordagem desta pesquisa é de cunho documental e segundo Lakatos e Marcondi

¹ Os autores que foram destacados para o estudo sobre a memória são: Alberti (2004a, 2004b), Bosi (1987), Nora (1993), Ferreira; Amado (1996), Thompson P. (1992), Sarlo (1995), Halbwachs (2006), Worcman; Perreira (2006), Souza; Lima (2022).

(2003, p. 174) entendemos que a “característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois.” Deste modo os estudos que serão realizados buscarão investigar as informações que estão presente nas seguintes fontes:

A publicação em forma de livro, dos dois interrogatórios que constam no (IPM), a edição recentíssima dessa documentação foi organizada e comentada pela historiadora Joana Salém Vasconcelos com o título, *Inquérito Paulo Freire: a ditadura interroga o educador*, pela Editora Elefante (2024), acompanhada de uma entrevista com o historiador Dimas Brasileiro Veras, pesquisador e estudioso da trajetória de Paulo Freire na região nordeste e dos caminhos da sua pedagogia no Brasil e no mundo.

Uma cópia do texto original do (IPM) encontra-se arquivada no Centro de Referência do Instituto Paulo Freire, em São Paulo. Os originais estão depositados no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano no Estado de Pernambuco, junto ao Prontuário da Delegacia de Segurança Pública referente a Paulo Freire, parcialmente digitalizado pela Comissão Estadual de Memória e Verdade Dom Hélder Câmara (CEMV), de Pernambuco. Seria impossível a consulta ou a coleta dessa documentação nesses arquivos, em razão dos limites de recursos desta pesquisa. Todavia, a publicação dessa documentação acabou viabilizando este estudo.

Estudará também um conjunto de relatos de memórias dos alunos, educadores e personalidades que participaram da experiência de alfabetização de adultos, sistematizada por Paulo Freire em Angicos, que alfabetizou 300 pessoas em 40 horas, selecionei uma *série audiovisual* produzida pela TV SESC e *dois filmes documentários*, que reúne uma massa expressiva de depoimentos e registros imagéticos muito valiosos aos interesses desta pesquisa, são eles:

1. *As quarenta horas de Angicos* – produzido pelo Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (SECERN), roteiro de Luiz Lobo, 11:50 min., 1963;

Um pequeno documentário produzido pelo governo do Rio Grande do Norte em 1963, como material de divulgação da ação de alfabetização de adultos realizada na cidade de Angicos, como parte de uma Campanha Nacional de Alfabetização do governo João Goulart (1961 – 1964). Trata-se de um documento importante que registra cenas e imagens em branco e preto, contemporâneas aos acontecimentos estudados.

2. *40 horas na memória – resgate da experiência dos alunos de Paulo Freire em*

Angicos/RN produzido pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), 33:50 min., 2013;

O documentário traz como protagonistas dezenove ex-alunos da experiência de alfabetização no município de Angicos-RN, em 1963. Todos os entrevistados são idosos com idade acima dos 70 anos. Filmado durante os meses de fevereiro e março de 2013, o filme é ambientado nas residências de cada um dos participantes, como forma de reconstituir a memória daquela experiência por meio da oralidade. É a primeira peça audiovisual produzida pela Universidade para o acervo do Memorial Paulo Freire, construído nas dependências da UFERSA. Além dos depoimentos dos ex-alunos do educador, o material audiovisual reúne fotografias e registros de memória de educadores que conviveram com Paulo Freire na década de 1960, conta ainda com a apresentação do poeta cordelista Hailton Mangabeira e do músico Carlos Zens, que assina a trilha sonora do filme. A direção do documentário é de Passos Júnior; roteiro de Renata Jaguaribe; direção de fotografia: Eduardo Mendonça; Edição: Diego Farias; produção e concepção visual: Amanda Freitas; assistentes de produção: Vanessa d’Oliveira, Valéria Dantas e Cinara Ribeiro; curadoria: Hugo Lima.²

3. *Paulo Freire, Um homem no mundo* - Série produzida pela TV SESC dirigida por Cristiano Burlan, (2019-2021).

Uma série documental, em cinco episódios, sobre a vida e a obra do pedagogo e pensador brasileiro.

Episódio 1 – Paulo Freire, um Homem do Mundo – A Formação do Pensamento, 53:25 min., 2021.

Investiga a formação de Paulo Freire e suas influências para a concepção da Pedagogia do Oprimido, a partir de depoimentos de sua família e de profissionais que o conheceram ou atuam nas instituições onde colocou em prática seus conceitos.

Episódio 2 – Paulo Freire, um Homem do Mundo – As 40 horas de Angicos, 52:28 min., 2020.

Trata da experiência de alfabetização, liderada por Paulo Freire, em Angicos, no sertão do Rio Grande do Norte. Revisita a cidade, reencontra os ex-alunos, os professores e traz, ainda, depoimentos de Freire.

Episódio 3 – Paulo Freire: Um Homem do Mundo: do pátio do colégio à pedagogia

² Informações retiradas em: www.memorial.paulofreire.org

do oprimido, 50:00 min., 2020

Aborda a chegada de Freire do exílio e alguns profissionais comentando sua trajetória a partir do seu retorno ao país.

Episódio 4 – Paulo Freire, um Homem do Mundo – O Exílio, 52:25 min., 2020. Retrata a experiência de Paulo Freire durante o exílio na Suíça, o quanto essa vivência repercutiu em seu trabalho e traz, ainda, seus depoimentos e de pessoas com as quais conviveu.

Episódio 5 – Paulo Freire, um Homem do Mundo – O mundo não é, está sendo, 52:00 min., 2021.

Analisa as bases da formação de Paulo Freire e suas percepções acerca da alteridade. Jogando luz na cena do teatral brasileira e sua influência na criação da Cia do Tijolo, que expressa seus conceitos primordiais por meio dos dramaturgos. O cantor e compositor Chico César se debruça nos ensinamentos do pedagogo desde menino, apresentando uma de suas composições em homenagem à Freire³.

Para tanto, o paradigma indiciário do historiador italiano Carlo Ginzburg (1989) é a principal referência metodológica desta pesquisa que propõe uma redução da escala de observação e um estudo intensivo do material documental, para a busca de indícios e sinais relevantes. O historiador não deve desvalorizar detalhes, palavras ou gestos aparentemente sem importância, pois eles podem revelar pistas a serem seguidas pela investigação.

A microanálise proposta por Ginzburg (1989), valoriza o conhecimento dos elementos individuais e não o seu ajuste a uma categoria ou generalização teórica mais ampla, dirige e acentua o foco analítico nas vidas e nos acontecimentos individuais, assim como procura não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral.

A pesquisa não se encontra ajustada a uma teoria preconcebida, toda ação social é vista como o resultado de constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, oferece sempre possibilidades de interpretações. “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (Ginzburg, 1989, p. 177).

O caminho da micro-história é tomado aqui, procurando, numa escala reduzida, atingir uma “reconstituição do vivido, impensável noutros tipos de historiografia. Por outro lado,

³ Informações retiradas em: www.sescsp.org.br

propõe-se a indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula” (Ginzburg, 1989, p.177, 178). O privado, o pessoal, o vivido se propõe como objeto de pesquisa, mais ainda, constitui-se no fio de Ariadne que guia o investigador no labirinto documental e “que distingue um indivíduo de um outro em todas as sociedades conhecidas” (Ginzburg, 1989, p.174). O elemento particular, específico e individual representa um ponto de partida, e a partir dele identificam-se significados à luz do contexto.

Esse método narrativo cabe em qualquer estudo de trajetória, pois qualquer um vive em certo contexto, imediato ou mais amplo, do qual fazem parte outros indivíduos mais ou menos próximos. No entanto, além de iluminar muitos aspectos de experiências de vida específicas, “elas servem como guia para conhecer uma época, uma sociedade e em particular os homens e mulheres que compunham as redes de relações a que pertenciam os biografados, com suas diferenças étnicas, suas hierarquias sociais e econômicas, suas instituições e práticas culturais” (Reis, 2008, p. 17).

8 CRONOGRAMA

Tabela com o período da pesquisa e o planejamento de tempo do estudo.

ATIVIDADES DE PESQUISA TCC 1. TCC 2 e TCC 3	2025/2026											
	1º Mês	2º Mês	3º Mês	4º Mês	5º Mês	6º Mês	7º Mês	8º Mês	9º Mês	10º Mês	11º Mês	12º Mês
TCC 1 – Leituras teóricas e estudo das fontes documentais							X	X		X		
TCC 2 – Leituras teóricas e estudo das fontes documentais		X	X	X	X	X						
TCC 3 – Escrita de monografia ou artigo							X	X	X	X	X	

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004a.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar – Textos em História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2004b.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru – SP: EDUSC, 2004.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna: Europa 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Árvore de Apensados - PL 1930/2019**. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_arvore_tramitacoes?idProposicao=2196336. Acesso em: 17 set. 2024.
- DUBY, George. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- FERREIRA, Marieta, AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- FERREIRA, Jorge. CARLONI, Karla. **A república no Brasil: trajetórias de vidas entre a democracia e ditadura**. Niteroi: Eduff, 2019.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- GUSMÃO, Ramon Lamoso de. **O expurgo da verdade: fake news, Paulo Freire e negacionismo histórico**. In: PADILHA, Paulo Roberto; ABREU, Janaina (org.). Paulo Freire em tempos de fake news [livro eletrônico]: artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.
Disponível: https://www.paulofreire.org/download/eadfreiriana/Ebook_Paulo_Freire_temposfake_news-2019.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2024.
- G1. **Capex retira homenagem a Paulo Freire do nome de plataforma dedicada à formação de professores**. G1, 27 nov. 2019.
Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/11/27/capes-retira-homenagem-a>

paulo-freire-do-nome-de-plataforma-dedicada-a-formacao-de-professores.ghtml. Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: Ki –Zerbo, Joseph. **História geral da África, In: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167 - 212.

HILL, Christopher. **Os eleitores de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LE GOFF, Jacques. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

MAZUI, Guilherme. **Bolsonaro chama Paulo Freire de 'energúmeno' e diz que TV Escola 'deseduca'**. G1, Brasília, 16 dez. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/16/bolsonaro-chama-paulo-freire-de-energumeno-e-diz-que-tv-escola-deseduca.ghtml>. Acesso em: 03 de março de 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Tradução: Yara Khoury. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginadas**. São Paulo: Edusp, 1995. SOUSA, F. R.; LIMA, L. M. G. História oral e educação popular: reflexões sobre metodologia e práticas de pesquisa pautadas no diálogo e na escuta sensível. **História oral**, v. 25, n.2, p. 135-152, jul./dez. 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**. p. 59-74, Salvador, 2007.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VASCONCELOS, Joana Salém. **Inquérito Paulo Freire: a ditadura interroga o educador**. São Paulo: Elefante, 2004.

WEINTRAUB, Abraham. **Discurso de posse**. Ministério da Educação, 9 abr. 2019.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oBZnrxy8Yw>. Acesso em: 15 nov. 2023.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Orgs.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.